



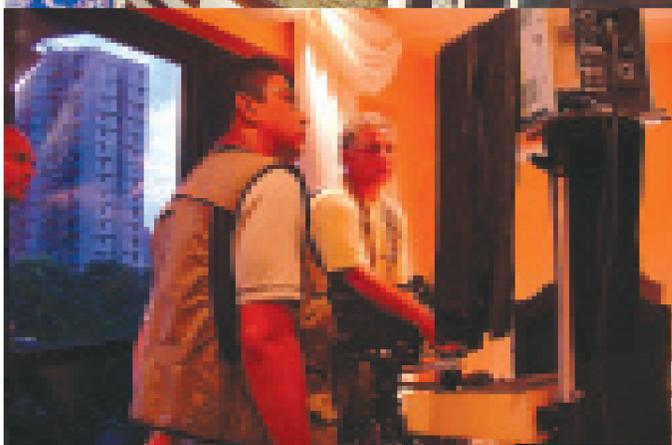
O ERETZ A CAMINHO DOS FESTIVAIS!

Chegou ao final o projeto Eretz Amazônia – os judeus na Amazônia. Cerca de 40 entrevistados, 35 horas de imagens realizadas, reconstituições de época, uma equipe de 50 profissionais e quatro meses de trabalho construíram 55 minutos de uma história que resgata quase duzentos anos de tradição.

E todo esse trabalho já tem data de estréia: no próximo dia 26 de junho, o documentário será exibido para todo o Brasil em Rede Nacional pelas TVs Educativas de todo o país às 21:00 horas. A sua pré-estréia

será em três capitais, dia 3 de junho em Manaus para a Comunidade Israelita do Amazonas; no dia 9 de junho dentro do I Festival de Cinema de Belém, com exibição na sala Maria Silvia Nunes, da Estação das Docas e no Rio de Janeiro no mesmo dia 26 de junho, o filme será exibido no CONFARAD - Congresso Sefaradita. Em São Paulo, o Eretz participará no mês de agosto, do Festival de Cinema Judaico da A Hebraica.

Shalom!



Jamazônia JUDAICA

NOSSA CAPA

Jacob Serruya, Diretor de Fotografia e Câmera do Documentário **Eretz Amazônia.**

Jamazônia JUDAICA

O Jornal AMAZÔNIA JUDAICA é um órgão independente, mensal, para divulgação do judaísmo na Amazônia. Endereço: Av. Gentil Bittencourt, 378 / 303 Cep.: 66.035-340 - Belém - PA. Tel.: (91) 241-7656 - Fax: (91) 222-3184

Diretor e Editor
David Salgado Filho

Conselho Consultivo
Jacob Messod Benzecry; Elias Pazuello; Ramiro Bentes; Marcos David Nahon; Moisés Elmescany; Celso Neves Assayag e Morse Shimon Israel

Colaboradores

Simone M. Salgado; Clara Azulay; Isaac Bentes; Yehudá Benguigui; Lise B. Serruya; Marcos Serruya; Raquelita Athias e Zazá Jucá

Colaboraram nesta Edição

Salomão Mendes; Francisco Correa Neto; Sheila Figlarz; Julio R. Levy e Alan Rodrigues

Revisor

Inácio Obadia

Correspondentes

Manaus: Isaac Dahan / Rio de Janeiro: Elias Salgado

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Osimar R. Araujo (osi_101@hotmail.com)

Impressão

M.M. & Lima Ltda. Fone/fax:(91) 224-5301 / 241-6219 - email: moraes@amazonline.com.br

Assinatura anual

R\$ 40,00

Preço do exemplar

R\$ 4,00

AJ informações

(91) 241-7656 -
Fax: (91) 222-3184

www.amazoniajudaica.com.br
amazoniajudaica@directbr.com.br

VEAHAVTÁ NEWS

Grupo de Apoio à União Israelita Shel Guemilut Hassadim - RJ

Instituições religiosas que enfrentam problemas de finanças não se configuram como uma novidade, tampouco são um quadro exclusivo do Brasil. Ao contrário. Desprovidas da mentalidade de ter de gerar lucros, pois pertencem à outra natureza, e com os problemas habituais de inadimplência, a circunstância mais comum é o déficit, e a conseqüente dependência da boa vontade de eventuais doadores. A grande questão é como fazer para se tornarem mais dinâmicas em tempos de escassez econômica e tamanha disputa pela atenção dos jovens, em geral afastados e plugados em interesses diversos. Complicado, não? No entanto, sem grande alarde, uma pequena comunidade do Rio de Janeiro vem inovando no trato com antigas e novas fontes de receita, aliada a um método heterodoxo de gestão que pode até incomodar a muitos, mas que sem dúvida funciona. Trata-se do Veahavtá, entre cujas iniciativas figura a deste próprio informativo.

Por Julio R. Levy

Na prática, seria como um grupo informal que resolve assumir compulsoriamente a terceirização de certos setores da vida social de sua sinagoga, retirando assim, dos ombros desta, o fardo da responsabilidade por seu custeio. Algo que acabou resultando, gradativa e um tanto involuntariamente, numa transferência de poderes de decisão para uma outra esfera de representatividade, ou conselho, onde o parlamento, hoje, pode mais que o presidente. Como aliás o é na realidade da vida política. Mas com duas diferenças básicas: apesar de descentralizarem de tal maneira as decisões, beirando por vezes a anarquia administrativa, e de elegerem eles mesmos a diretoria oficial a cada biênio, tudo é feito com o intuito de melhorar as condições de atuação da própria sinagoga. Não há salários e nem privilégios sendo disputados, mas (boas) ações. Para explicar a salada, conversamos com o parnás da S.G.H., Samuel Levy(70), com o vice presidente Sami Anidjar(63) e com o tesoureiro, Cláudio Goldenberg(37), numa entrevista dividida em duas partes que o leitor de Amazônia Judaica acompanha a partir de agora:



Cenas da celebração de Mimona, nos salões da S.G.H.. No Marrocos, era e ainda é uma tradição sefardita das mais importantes celebrar-se o término do Pessach com festas e confraternização geral entre os membros da comunidade. Nesta noite, os judeus tinham por hábito visitarem-se mutuamente, de casa em casa, saudando o fim da páscoa com muito mel, farinha, trigo, vinho e bom humor.

Fotos: Julio R. Levy

AFINAL, QUE ANIMAL POLÍTICO DIFÍCIL DE DEFINIR É ESSE, O VEAHAVTÁ (RISOS)?

Anidjar - Para responder é preciso viajar um pouco, de volta a meus 16 anos. Lá por volta de 1956, criei em Belém do Pará o grupo Herzl. Fui o primeiro presidente. O segundo foi o Isaac Tobelem. Este grupo trabalhava como hoje faz o Veahavtá. Era um grupo que preenchia tudo o que o Centro Israelita do Pará não podia preencher. Eles (C.I.P.) cumpriam o lado estatutário, o lado do exercício da presidência, da diretoria. Mas como tudo neste país, no norte e também no Rio, um pouco menos, nada era feito em prol da juventude. Só os mesmos e recorrentes problemas de caixa, de pobres, de judaísmo, de assimilação... Mas não tínhamos nem sacerdote! Até que chegou o rabino Abraham Anidjar, que nos ajudou muito. Foi uma lástima que só tenha durado dois anos. Mas mesmo neste curto período ele conseguiu deixar uma herança espetacular, uma semente plantada que até hoje dá frutos. Seu primeiro destino em terras brasileiras foi Belém, em 56, tendo sido trazido direto do Marrocos pelas mãos do presidente da comunidade local. Depois, em 58, o saudoso Yom Tob Azulay o trouxe para o Rio, mais especificamente à Shel, onde trabalhou firme até 1995.

Mas aquele par de anos foi atípico. Com o Herzl a todo vapor em Belém, tivemos a audácia de convidar para uma apresentação o coral Bialik, de Manaus, e os alojamos no grêmio azul e branco. Os colchonetes ficavam espalhados pelo chão, aquela coisa. A juventude colava cartazes nos postes de madrugada convidando as pessoas para assistirem o coral. E fizemos quase dezoito casamentos judaicos sem assimilação, nosso maior troféu. Realizamos peças de Purim em teatros públicos, criávamos nossa própria indumentária, inovávamos o tempo todo. Foi uma época de ouro. Depois, eu me mudei para o interior do Amazonas. A primeira semana que eu passei no Brasil, no entanto, devo ao rabino Anidjar. Houve uma dispersão na chegada e acabamos nos alojando na casa dele, meus irmãos e eu. De qualquer modo, é neste tipo de experiência do Herzl que me baseio para ajudar a moldar o Veahavtá de hoje.

Goldenberg - Venho de um caminho distinto, bem mais recente. O Veahavtá, para mim, foi um grupo criado pela vontade de todos que ultimamente vinham frequentando o minian de fazer alguma coisa pela sinagoga. Víamos que existiam vontades em comum mas o caixa da sinagoga não tinha recursos para viabilizar nenhuma delas. As coisas estavam se deteriorando: havia a calçada esburacada, o tapete estava sujo, as cadeiras precisavam de manutenção e não havia dinheiro para se fazer quase nada. Hoje estou na condição de

tesoureiro e sei o que é não dispor de fundos para se pagar as coisas.

O grupo Veahavtá foi criado então com o objetivo primeiro de se encher a sinagoga, porque muitas vezes não havia nem minian para se levar adiante a tefilá. Domingo de manhã era um drama, principalmente há uns quatro anos. O que fazíamos era o seguinte: para o pessoal realmente passar a frequentar a sinagoga, saíamos domingo de manhã e bancávamos um farto café na padaria, após a reza, para todos os que vinham, porque na sinagoga não havia nem pão. Eu, o Rubem Benmergui, Moisés Ninio, o Abraham Abessror, meu tio também, o "Mumu"; éramos um grupo conhecido como o Grupo do Minian. Uma iniciativa pré Veahavtá, ainda estávamos num estágio embrionário. Mas o Veahavtá não foi iniciativa de um grupo apenas, foi uma junção de iniciativas, não fomos só nós. E aí, nessa estória do café da manhã, numa semana eu pagava; na outra, o Shalom Gamal pagava. E íamos revezando. Quanto às outras questões pendentes da sinagoga, tipo "quanto vai custar para lavar o tapete", "quanto vai custar o marceneiro", íamos dividindo as despesas entre nós, na medida do possível. Essa iniciativa foi, aos poucos, atraindo mais e mais pessoas. E depois havia os jovens. Como trazê-los? Fui até a Hebraica e pedi ao presidente que o clube cedesse uma quadra aos domingos para que a garotada tivesse

liberdade para poder jogar futebol o dia inteiro. Depois da tefilá na sinagoga, nós os traríamos como pudéssemos ao clube, nem que fosse em nossos próprios carros. Não há rapaz que não goste de jogar bola. Assim, começamos com dez, quinze garotos, num campeonato, e hoje há quase cem (www.copaveahavta.kit.net). Pedi ajuda ao Ronnie, o filho do rabino Benzaquen, para me ajudar na organização, e pensei: "Ora, se existem na comunidade jovens que vivem aqui, na zona sul, e vão às oito da manhã jogar bola no Recreio dos Bandeirantes... então dá pra fazer. Se conseguirmos amarrar esse esquema com a Hebraica, a sinagoga enche".

A coisa foi se formando aos poucos. A cinco ou seis anos atrás, já tínhamos reuniões regulares com o rabino uma hora após a tefilá das manhãs de quarta, com o objetivo de definir a programação dos próximos três meses. Com isso programávamos avdalons, shabatons, eventos que hoje são comuns aqui na Shel. A celebração dos aniversários, das festas, eventos, Purim, os bingos, as rifas, Chanukah, Mimona... O objetivo era realmente incrementar o departamento social e cultural da sinagoga. O que o departamento feminino talvez pudesse e devesse estar organizando anteriormente, nós resolvemos assumir. Nas últimas três gestões não tivemos um departamento feminino muito atuante. Agora, não: a Verônica (Benchimol, esposa do presidente Sérgio Benchimol) está

cuidando de tudo com afinco, mas antes dela éramos nós. O Veahavtá é como se fosse um departamento da Shel independente, e o que é mais importante, dotado de verba própria. Jamais fomos até o caixa para pedir o que quer que fosse à sinagoga.

E ISSO NÃO CRIA CONFLITOS COM A ADMINISTRAÇÃO OFICIAL?

Goldenberg - De fato, houve uma reunião na casa do Prof. Rubem David Azulay (então o presidente, há três gestões passadas, 1998/2000), onde parte dos associados estavam colocando que o que fazíamos criava concorrência com a própria sinagoga. Mas explicamos tudo calmamente e, ao final, tivemos a concordância do presidente para o que pleiteávamos. O princípio posto por ele era muito simples: "Não temos dinheiro para realizar os eventos e, se vocês conseguirem pelos próprios meios levantar os fundos necessários, isso é tudo o que a sinagoga pode desejar". Lembro que o kiddush de cabalat shabat corria perigo de descaracterizar-se, sem as tradicionais saladas, por exemplo, por falta de dinheiro, e foi bem quando entramos e dissemos "não: fiquem todos tranquilos, pois não vai faltar nada. Tudo vai continuar como sempre foi".

Levy - O Veahavtá foi fundado praticamente na gestão do Sami Anidjar (2000/02). Estivemos

em sua residência uma noite, numa reunião de finanças, e apareceram contas malucas, déficits extraordinários, e que sempre cresciam. E nos assustamos com aquilo. Apesar de esporádicas campanhas de arrecadação bem sucedidas, nunca havia dinheiro para as necessidades primordiais. Ou então, havia, mas ele era, digamos, mal empregado. Creio que o que deixava a desejar, historicamente, nesse departamento, sempre foi a organização. Então, cansados dessa rotina, dissemos: "Sami, na sua gestão, daqui para a frente, você não vai gastar mais um centavo com as questões sociais. Preocupe-se com os funcionários e com as questões administrativas. A partir de hoje o Veahavtá vai assumir a parte social". Daquele ponto em diante as contas da sinagoga começaram a melhorar. Continuava sem sobrar nada, e até fomos criticados, mas pelo menos deu pra sair do vermelho. A idéia me ocorreu num aniversário que sediamos aqui em nossos salões, há cerca de 3 ou 4 anos, o de Maria Luiza Benjó. Ela teve a gentileza e a brilhante idéia de pedir aos convidados que, em vez de presentes, fizessem doações à sinagoga. Com aquele gesto deflagrador, apesar de involuntário, neste sentido, foi fundado o Veahavtá, em cima e amarrando todas as iniciativas prévias independentes.

Anidjar - ...Iniciativas solitárias como a do próprio Sami, que já vinha bancando o café da manhã aqui da Shel por quase um ano a fim de homenagear a memória do irmão que falecera, Moisés. Mas o que quero ressaltar é que um dos problemas básicos de todas as antigas administrações, assim como provavelmente da atual, é a inadimplência. Só aqui na Shel ela atinge quase 30%.

Levy - O nó do problema é o seguinte: os sócios pagavam as mensalidades e achavam que, com isso, sua parte já estava feita. E deixavam pra lá o resto dos problemas, que iam se acumulando. Havia muita desmotivação e crítica, e escassos resultados, mas pouca iniciativa e idéias novas. Idéias novas que pudessem resolver os antigos problemas.

Goldenberg - Existe aqui na Shel também uma peculiaridade: hoje, sustentamos dois rabinos. Uma situação provavelmente bem diferente da das outras sinagogas. Além do rabino Anidjar, que enfrenta problemas de saúde já há alguns anos e que não pode ser desamparado, temos o rabino Benzaquen. A grande maioria das sinagogas têm talvez um rabino ou um hazan, como custo fixo. Na Shel, não. O que arrecadamos de mensalidade aqui só dá para pagar os rabinos, e olhe lá. Mas e quanto ao restante? Contas de luz na casa dos milhares, funcionários...

Mas por que a gestão oficial da sinagoga não se utiliza dos mesmos métodos para conseguir resolver seus problemas? Por que é que se torna necessária a existência de uma gestão independente para que se consiga ser mais eficaz?

(continua no próximo número)

- **Samuel Levy:** 11/07/33, Tânger, Marrocos. Joalheiro e cônsul honorário da Costa Rica. Chegou ao Brasil em 58, aos 25 anos. Diretor de culto (parnás).
- **Samuel Anidjar:** 13/08/40, Tânger, Marrocos. Empresário. Chegou ao Brasil em dezembro de 1956, aos 15 anos. Vice-presidente.
- **Cláudio Goldenberg:** 05/02/67, Rio de Janeiro, Brasil. Empresário. Cargo na sinagoga, tesoureiro.

(juliorl@uol.com.br)
(sinagoga.shel@openlink.com.br)





ECOLOGIA A MODA JUDAICA

Até que ponto os ecologistas tem razão

DR. MEIR TAMARI

Em todos os ensinamentos dos sábios e da literatura judaica, da Bíblia as histórias dos mestres chassídicos, a beleza da Natureza e a importância de seus componentes e efeitos espirituais positivos aparecem de maneira clara.

No entanto, o tema da importância da natureza, seus componentes e sua beleza não nos devem induzir a uma interpretação errônea ou ler no judaísmo o que não está lá. No envolvimento com movimentos ambientalistas, e fácil não perceber o elemento da idolatria na forma de alma e espírito do vento ou da água. A Natureza é apenas uma criação de D'us, de modo que nem um dos elementos atuais tem um poder ou valor por si só, além e acima daqueles que lhe foi concedido por D'us, o Criador.

Já se tornou até mesmo corriqueiro ver o homem apenas como um sócio igualitário das forças da Natureza. O judaísmo vê o homem como o auge da Natureza e tudo o mais no mundo está lá pra servi-lo e deve ser usado para seu benefício. No entanto, isto não permite o desperdício ou a destruição das forças da Natureza. É verdade que o homem é o senhor da Criação, mas não há ninguém, sob a ótica judaica, que tenha direitos sem obrigações.

Os recursos naturais nos foram dados e temos permissão de usá-los, porém, ao mesmo tempo, somos obrigados a utilizá-los com parcimônia e guardá-los. Os homens não podem destruir irresponsavelmente os recursos naturais, assim como o indivíduo não tem permissão para destruir seus próprios bens.

Os sábios dizem que destruir sua propriedade, de propósito, ou num momento de raiva, é como adorar ídolos.

Direitos comunitários

A Lei Judaica reconhece que uma comunidade (vizinhos de porta, cidadãos de uma cidade ou grupos nacionais) possui direitos que devem ser protegidos contra danos por atos de terceiros. Este conceito se expressa no direito comunitário de taxação que, com efeito retira a propriedade dos cidadãos para financiar necessidades comunitárias. Também tem o direito de limitar as atividades de indivíduos ou corporações que danifiquem o meio ambiente ou depreciem a beleza do cenário.

No entanto, ao mesmo tempo, devido a sua simetria, a Lei Judaica deu grandes passos no sentido de

proteger os interesses de indivíduos contra o uso excessivo do poder expropriante. A história econômica mundial esta repleta de exemplos do mau uso do direito de taxação, em geral, e do poder expropriante, em particular. Campos de fazendas e de colheitas foram destruídos para facilitar esportes de reis e senhores. No estado moderno, deve-se tomar muito cuidado para não destruir os direitos legítimos do indivíduo enquanto se protege a sociedade do dano ambiental, que pode advir do crescimento econômico.

Ecologia e bem-estar econômico

Um dos temas mais complicados surgem quando a devoção a causa ecológica entra em conflito com o bem-estar econômico da sociedade. Na análise final, é necessário decidir até que ponto a sociedade precisa passar por dificuldades econômicas para desfrutar do prazer estético, de água ou ar despoluído. A resposta haláchica para este conflito pode ser vista em dois *responsa* - (respostas de sábios antigos).

O primeiro *responsa*, do Rshbá (Rabi Sim'on ben Aderet, erudito do século XII), afirma que há uma enorme diferença entre os inconvenientes causados por atividade particular e o dano ecológico real. Nesta carta em especial, o Rashbá refere-se ao uso da cozinha que provoca fumaça e cheiro, que incomodavam os que viviam no apartamento acima. Queriam forçar o homem a tomar providências.

O Rashbá diz que o que acontece neste exemplo resulta da convivência e, portanto, as pessoas devem estar preparadas para sofrer essa quantidade "normal" de dano ambiental. Baseia-se na regra de que um indivíduo tem o direito de trabalhar em sua propriedade, mesmo causando um pouco de desconforto aos outros. Portanto, na vida moderna, um médico poderia receber seus pacientes em casa, mesmo provocando irritação aos vizinhos. Contudo, se desejar abrir uma clínica ou hospital deve fazê-lo em área com zoneamento permitido, pois excederia o "uso normal da propriedade".

O segundo *responsa* refere-se ao caso de cubas usadas para tingir têxteis. Tais cubas produziam mau cheiro e os habitantes queriam lacrá-los, segundo as normas haláchicas. O rabi consultado aceitou o fundamento básico da demanda. No entanto, afirmou que a cidade toda dependia da indústria têxtil para sua subsistência. Portanto, o interesse público exigia que a população sofresse o dano ambiental. Não era possível insistir no

fechamento.

Mesmo que, posteriormente, uma autoridade enfatizasse que no estado judaico autônomo as condições de zoneamento evitariam que isso ocorresse, parecia lógico o primeiro *responsa*. A dependência econômica da cidade na indústria levaria as autoridades haláchicas a permitir que tal incômodo ambiental prosseguisse.

Deve-se deixar claro que esta consideração econômica seria inaceitável onde houvesse perigo real a vida humana. Ninguém tem permissão de causar dano ao corpo de outrem ou ao seu próprio. Não é permitido colocar a si mesmo em perigo de dano físico. Isto quer dizer que os empregadores são obrigados a fornecer proteção razoável contra acidentes por maquinário e outros perigos aos trabalhadores. Isto também significa que aos operários é proibido trabalhar de modo a colocar sua vida em perigo. Ninguém pode concordar com trabalho perigoso por troca de bônus ou altos salários. E concebível que, se devido ao nível tecnológico, não há maneira de as indústrias serem operadas sem dano físico resultante, não lhes seria permitido operar de modo algum do ponto de vista da Lei Judaica.

Risco razoável

Encontrar um equilíbrio entre a necessidade para o desenvolvimento e os custos da proteção ambiental deve ser visto a luz do conceito haláchico de risco razoável. É verdade que as pessoas não podem colocar em risco sua saúde ou sua vida, porém na vida real tal perigo existe, mesmo nas atividades econômicas cotidianas. Não é viável levar o princípio de segurança ao extremo. Pelo contrário, o risco razoável pode ser usado para permitir a busca de sustento, sem transgredir o mandamento bíblico de "guardarás a ti mesmo cuidadosamente" - uma injunção contra o risco de dano físico.

Tal conceito de risco razoável fornece diretrizes tanto para medidas legislativas quanto financeira que viessem a proteger o bem-estar físico e ambiental dos cidadãos. Nenhum país é capaz de financiar tudo que seja considerado ecologicamente desejável. A legislação excessiva pode, no entanto, tornar inviável mesmo o crescimento econômico razoável. Portanto, as prioridades devem ser estabelecidas de modo a permitir a sociedade cumprir suas obrigações, e diretrizes são necessárias para assegurar um crescimento equilibrado.

ARTIGO

SONHO DE PAI

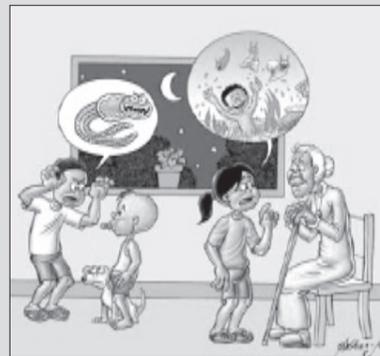
Esses dias dei uma palestra para o Círculo de Pais e mestres do Colégio Israelita Brasileiro, em Porto Alegre.

Lá pelas tantas me perguntaram se eu colocaria meu filho - que vai fazer dois anos - no Colégio. Respondi que sim. E poderia responder de outra maneira um ex-aluno do Colégio Ídiche, filho de uma professora do velho colégio da Oswaldo Aranha? E aí me perguntaram o que eu esperava do colégio. É o que respondo agora.

MOACIR SCLIAIR

Tal vez seja melhor dizer, primeiro, o que não espero do Colégio, e isto pode ser resumido numa frase: não espero, e não desejo, que um colégio judaico transforme meu filho num ritualista, numa pessoa que cumpre preceitos religiosos sem saber exatamente o que está fazendo, nem porque. Uma pessoa rígida, intolerante, voltada para o passado ao invés de estar preocupada com o presente e o futuro.

Não que o passado não seja importante. Eu gostaria que meu filho conhecesse a história judaica e, sobretudo, que a entendesse como parte da história da humanidade. Gostaria que meu filho soubesse que tudo que aconteceu aos judeus não resultou nem do acaso, nem de um designio misterioso; se os judeus muitas vezes



foram bode expiatório, isto aconteceu porque foram apanhados no entrelaço violento de forças e interesses contraditórios: feudalismo versus capitalismo, capitalismo versus socialismo, e assim por diante. Eu gostaria que este conhecimento da História e dos mecanismos que fazem a sociedade dessem a meu

filho sabedoria e tranqüilidade; que o livrassem dos fantasmas da paranóia, doença tão comum entre nós.

Eu gostaria que meu filho tivesse acesso a cultura judaica, tanto por ela ser judaica como por ser cultura. Gostaria que ele tivesse o mesmo prazer e a emoção que sinto ao ler os contos de Scholem Aleichem, Méndele e Peretz; as histórias de Isaac Babel e Michael Gold; os livros de Below, Malamud, Bashevis Singer, Philip Roth. Gostaria que ele ficasse extasiado diante dos quadros de Chagall, que gostasse de música ídiche, das canções hebraicas, da dança de Israel. Gostaria, modestamente, que ele lesse o que eu escrevi e que sentisse o judaísmo em meus próprios livros: gostaria disto, como pai e como judeu. Gostaria que meu filho tivesse uma bagagem intelectual sem ser pedante que ele compreendesse que literatura, música, pintura devem tornar as pessoas melhores, não superiores, que sentir é tão importante como saber. Gostaria que ele aprendesse a chorar como só os judeus sabem chorar, e a rir como nós: aquele nosso meio sorriso, meio amargo, meio filosófico.

Gostaria que meu filho estivesse solidário com Israel. Que compreendesse o quanto o Estado significou em termos de levar a dignidade do povo judeu e da magnífica experiência humana. Gostaria que meu filho tivesse a mentalidade de um kibutznik, mesmo vivendo no Brasil, ou talvez justamente por isto: gostaria que meu filho tivesse um ideal e que lutasse por ele, não se sacrificando, porém, a fantasias neuróticas. Gostaria que meu filho não fosse um sectário; que ele não colocasse, em pólos irremediavelmente opostos, judeus e árabes, israelenses e palestinos. Que ele soubesse que neste mundo há lugar para todos, é só uma questão de ajeitar. Que e ele soubesse que, cada vez que há uma guerra, é por que alguém lucra com isto.

Não sei se é pedir demais em troca da mensalidade. Mas afinal. A educação tem um componente de sonho enxertado na dura realidade cotidiana. E sonhar não é proibido.

Fonte - site www.eitansp.org.br

Manuscritos do Mar Morto serão expostos no Rio

Considerados os mais antigos relatos de textos bíblicos, os Manuscritos do Mar Morto serão expostos pela primeira vez no Brasil, a partir de agosto. Os mais de 900 fragmentos escritos entre os anos 250 A.C e 70 da era cristã são apontados como uma das maiores descobertas arqueológicas do século XX, e considerados essenciais para a compreensão do judaísmo e das origens do cristianismo.

Escritos em hebraico e aramaico em mais de 15 mil folhas de pergaminho, os manuscritos foram encontrados em 1947 em cavernas de Qumran, a 25 quilômetros de Jerusalém. Os textos ajudam a entender o ambiente em que Jesus viveu, revelando informações sobre os judeus daqueles tempos. Acredita-se que seus autores tenham sido os essênios, integrantes de uma seita judaica. "Os manuscritos revelam uma conexão muito forte com a Bíblia, completada na metade do primeiro milênio depois de Cristo", afirmou Hava Katz, curadora-chefe da Autoridade de Antiguidades de Israel. "Os textos da Bíblia são praticamente os mesmos dos Manuscritos, mesmo tendo sido completados cerca de 500 anos depois. Isso nos mostra como versões similares foram sendo usadas por séculos".

Entre os manuscritos, destacam-se os relatos do Velho Testamento e vários textos sobre a vida comunitária dos essênios. A exposição contará com pelo menos dez pergaminhos - entre eles os referentes aos textos do Velho Testamento - e diversos objetos do mesmo período, como vasos, utensílios em pedra e cerâmica, moedas, peças em couro, tecidos, entre outros. A mostra poderá ser vista a partir de 20 de agosto, no Museu Histórico Nacional.

Quando foram encontrados, os manuscritos estavam enterrados em 11 cavernas nas proximidades do Mar Morto. Alguns especialistas acreditam que outros textos ainda podem ser encontrados.

"Na verdade, não sabemos ao certo", contou Hava, "achamos que a maioria do material foi achada nas cavernas, que chamamos de Biblioteca. Mas achamos que eles podem ter enterrado mais material em outras cavernas". A curadora contou ainda que não há consenso sobre a razão de os manuscritos terem sido enterrados. "É um grande mistério. Há muitas teorias. A primeira seria que eles tinham medo que alguém os pegasse e os teriam deixado em segurança para voltar depois. Era como um tesouro guardado para dias melhores. A outra possibilidade é que, segundo a tradição hebraica, uma Torá danificada não pode ser jogada fora ou queimada, deve ser enterrada, como se enterra uma pessoa".

Os textos que virão ao Brasil
A vinda de dez textos originais dos Manuscritos do Mar Morto já está acertada. O seguro para a exposição dos pergaminhos é de US\$ 14 milhões. Eles serão expostos em vitrines climatizadas a 20 graus Celsius, com umidade controlada.

LIVROS ESSÊNIO: Três dos chamados livros essênios serão expostos no Brasil: o Calendário, as Regras da Comunidade e as Regras da Guerra. Esses textos apresentam o calendário essênio (baseado num ano solar de 364 dias), além das leis que regulavam a vida dos essênios, as relações na comunidade e as guerras.

LIVROS BÍBLICOS: Serão exibidos no Brasil sete livros bíblicos: Gênesis, Êxodo, Deuteronômio, Levítico, Salmos, Isaías e Filactérios. Livros do Velho Testamento, antigos e modernos, serão apresentados lado a lado, para que o visitante constatare como os textos são idênticos. Um dos mais impressionantes pergaminhos é o dos Salmos. Com 70 centímetros de comprimento, ele reúne salmos e hinos que formam o mais extenso texto encontrado em Qumran.

Extraído do site: www.eifo.com.br

3º Confarad, 2º Encontro da Beth-El e 1º Festival do Filme Sefaradi

Será realizado na cidade do Rio de Janeiro, na Sinagoga Beth-El, no Clube do CIB entre os dias 26 e 27 de junho o 3º. Congresso Sefaradita - CONFARAD. O evento vem sendo realizado anualmente e tem apresentado importantes resultados para a maior integração das comunidades sefaraditas no Brasil de todas as regiões. O CONFARAD, inclusive, chegou a ser cogitado para ser realizado na região Norte, na cidade de Belém este ano, no entanto, vai ficar para uma próxima oportunidade.

Mesmo não sediando o evento, a região amazônica se fará presente no CONFARAD com o documentário Eretz Amazônia - os judeus na Amazônia, vencedor do I DOC TV realizado pelo Ministério da Cultura juntamente com a fundação Padre Anchieta. O vídeo já está pronto e será lançado em Rede Nacional pelas TVs Educativas do país e exibido simultaneamente na abertura do CONFARAD, para mais de 500 pessoas que estão sendo esperadas para o congresso.

PROGRAMAÇÃO

Discurso de boas-vindas de Henri El-Mann, Presidente da Beth-El
Mesa 1 - Presidente: Dr. Sergio Benchimol, Sinagoga Shel Guemilut

"PRESENÇA SEFARADI-MARROQUINA NO BRASIL"

Com o lançamento nacional do filme "Eretz Amazônia" (55). Rabino Isaac Benzaquem, Sinagoga Shel Guemilut : **As Tradições Religiosas nas Comunidades Judaicas do Marrocos**. Professor Elias Salgado, **Jornal Amazônia Judaica : Das Areias do Deserto à Maior Floresta Tropical do Mundo**. Dr. Max Nahmias, Museu Judaico: A Vida e a Obra do Professor David José Perez.

Domingo, 27/06/2004
às 10,00 hs.

POR QUE O CONFARAD?
Nelson Menda, Presidente do Conselho Sefaradi.

10,15 hs.

BERAHÁ do Rabino Abraham Shrem e demais autoridades religiosas presentes

Das 10,30 às 12,00 hs
Mesa 2 - Presidente: Dr. Charles



Kubudi, Sinagoga Agudat Israel.

"MAIMÔNIDE S, SÁBIO ENTRE OS SÁBIOS"

Dr. Samuel Buzaglo, Shel Guemilut : Maimônides, Um Espírito Universal. Dr. Haim Elias Nigri, Templo Sidon : Abu Imran Musa Ibn Maymun, o Maior Filósofo da Idade Média. Professor Rubem David Azulay, Shel Guemilut : Ramban, O Mais Conceituado Médico do Seu Tempo.

Das 14,00 às 16,00 hs

Mesa 3 - Presidente: Dr. Alberto Saadia, Centro Bircat Abraham.

"SEFARADIS SOB O IMPÉRIO OTOMANO"

Prof. Aron Hazan, SENAI : Os Judeus e a Turquia, Um Caso de Amor. Escritora Márcia Algranti : Cantos e Singularidades da Gastronomia Sefaradi. Profª Ana Barki Bigio, SP: Ladino e Haqutia na Transmissão Oral e Escrita do Judaísmo Ibérico. Cantor David Jair Alhadef: Cancioneiro, Expressão da Alma Sefaradi.

16,00 hs. Projeção do filme:
"PÁGINA DE OURO DO JUDAÍSMO SEFARADI" (35')

16,45 hs.

Mesa 4 - Presidente: Dr. Isaac Hanono, Templo União Israel.

"A MULHER SEFARADI E OS NOVOS DESAFIOS"

Jornalista Silene Balassiano, WIZO: Solidariedade em Tempo de Crise. Professora Rachel Mizrahi, USP : Mulheres Sefaradis que Marcaram Época. Professora Diane Kuperman, FIERJ: O eterno conflito entre preservar e mudar.

18,15 hs. Projeção do filme

"ÁRVORES CHORAM POR CHUVA" (30')

18,45 hs.

Mesa 5 - Presidente: Prof. Eliezer Burlá.

FIERJ. ENTREGA DOS PRÊMIOS "ORGULHO SEFARADI"

Pelas Dirigentes dos Grupos Yamit, Aliá e Norma Sion, da Wizo. Música: Pianista Arnaldo Cohen Esportes: Jogadora Adriana Behar Criação: Desenhista Daniel Azulay

19,15 hs.

Conferência de Encerramento. Dr. Alberto Nasser, Presidente de Honra do Conselho Sefaradi:

"PARTICIPAÇÃO SEFARADI NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL"

ATIVIDADES PARALELAS

• 2ª Feira do Livro e do Cd Sefaradis

• Lançamento do Livro "Maimônides, Um Espírito Universal", do Dr. Samuel Buzaglo.

• Lançamento do CD de Música Litúrgica da Shel Guemilut

• Exposição e venda de livros e CDs com temática judaico-sefaradi, como o "Dicionário de Sobrenomes Sefaradis", "Cozinha Judaica", "Imigrantes Judeus do Oriente Médio", dentre muitos outros.

Apoios: FIERJ, Conselho Sefaradi, Museu Judaico, Wizo.

1º FESTIVAL DO FILME SEFARADI - Sinopses

1 "Eretz Amazônia - os judeus na Amazônia: A partir de um

roteiro premiado pelo Ministério da Cultura em 2003, em que concorreu com outros 600 títulos, o documentário com 55 minutos de duração é inteiramente falado em português e conta a saga do povo judeu na Região Amazônica. Produzido por David Salgado, o filme é dividido em quatro partes, que relatam as diferentes fases da presença sefaradimarroquina no Brasil. O lançamento, durante o 3º Confarad, irá coincidir com a exibição do vídeo em toda a rede de TVs educativas do Brasil.

2 "Páginas de Ouro do Judaísmo Sefaradi": Produzido pela OMNI-Video, Israel, em 1992. Falado em espanhol. Duração de 35 minutos. Conta, entremendo relatos, imagens e apresentações do excelente grupo musical "Mabat Israel", a história da presença judaica na Península Ibérica a partir da destruição do 2º Templo. Contém depoimentos de professores da Universidade Hebraica de Jerusalém e do Presidente Itzak Navon sobre os sefaradis, os massacres de 1391, a expulsão de 1492, as conversões forçadas, a diáspora pelos países do Mediterrâneo e Holanda e a reconciliação de 1992. Direção Musical de Daniel Akiva, Direção de Produção de Elena Canetti, Produção de Ariel Roffe e Direção Geral de Avi Hemy.

3 "Árvores Choram Por Chuva - Uma Jornada Sefaradi": Produzido e Editado por Bonnie Burt, nos Estados Unidos, em 1989. Falado em inglês e ladino e legendado em português. Duração de 30 minutos. Emocionante depoimento da Sra. Rachel Amado Portnick, "izmirli" que migrou para os Estados Unidos, onde casou com um esquenazi. Ela relata como era a vida judaica em Izmir e o choque ao chegar a Saint Louis, Missouri, onde era praticamente a única sefaradi dentre uma população de 60.000 judeus. Com a ajuda da também sefaradi Esther Levy, ensina a preparar "burecas" e da talentosa cantora Judy Frankel a interpretar a canção-título do filme.

bemol A SUA MELHOR ESCOLHA
<http://www.bemol.com.br>

| | |
|---|---|
| BEHAL BAHAR Fábrica de Behal Bahar - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 | BEHAL BAHAR Fábrica de Behal Bahar - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 |
| BEHAL BAHAR Fábrica de Behal Bahar - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 | BEHAL BAHAR Fábrica de Behal Bahar - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 |
| BEHAL BAHAR Fábrica de Behal Bahar - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 | BEHAL BAHAR Fábrica de Behal Bahar - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 |
| BEHAL BAHAR Fábrica de Behal Bahar - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 | BEHAL BAHAR Fábrica de Behal Bahar - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 |
| BEHAL BAHAR Fábrica de Behal Bahar - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 | BEHAL BAHAR Fábrica de Behal Bahar - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 |

CENTRO DE ATIVIDADES SEFARADITAS
PROF. AZULAY

ENTRENA MENTOR AZULAY
COM 300126-5

Endereço: Rua...
Telefone: (11) 5082-1000

Isaac Pinhas Melul, a estrela de David

– “Entre meu filho. A barraca é sua. Não faça cerimônia”.

É assim que nos recebe a porta de sua casa, dois passos aquém da Sinagoga (Eshel Abraham). A mão firme, o andar cuidadoso mas ainda pleno de vitalidade, não fazem lembrar a idade que tem.

Com 99 anos bem vividos, Isaac Pinhas Melul, Saliyah, professor de hebraico, melamed e shochet, chefe espiritual da comunidade israelita do Pará, se considera um jovem.

Nasceu em Tanger, Marrocos, a 14 de setembro de 1868, sendo filho primogênito de Pinhas Melul e Zahara Anselem Melul.

“Na cidade em que nasci havia um rapaz que se chamava Jacob Benchimol era meu amigo e colega de classe. Um dia esse amigo se despede e embarca para o Brasil. Continuei a estudar pois meu sonho era ser rabino. Tempos depois recebo uma carta. Benchimol se radicara no Pará e me convidava para participar de uma sociedade comercial que estabelecera em Baião, no rio Tocantins. Em suma a carta dizia o seguinte: vem, gostarás do Brasil, aqui terás oportunidade de amealhar poder e riqueza”.

Seu Melul ri e comenta: - “Naquele tempo a borracha estava no auge. Poder e riqueza eram tudo, tudo quanto não pude ter. Gostei, isto sim, do Brasil. E tanto gostei que, chegando ao Pará em 1886, com 18 anos, em 24 de julho de 1895 me tornei brasileiro”.

Seu Melul levanta-se, vai a escrivaninha e volta para nos exibir, orgulhosamente, o documento da naturalização.

■ **Se o senhor queria ser rabino por que aceitou o convite de seu amigo Benchimol?**

● “Olhe meu filho, o homem põe e Deus dispõe. Talvez o meu destino fosse esse mesmo: o de servir meu povo neste grande Estado. Minha mãe havia falecido, fato que muito me entristeceu. Arrumei a trouxa e parti. Quando dei por mim já era brasileiro”.

■ **E como era Belém na época em que o senhor chegou?**

● “Lembro-me de pouca coisa pois tive de embarcar logo depois para Baião. O Largo da Pólvora era um chavasca com uns poucos banquinhos. Nem sequer

SERENO COMO JACOB, OTIMISTA COMO SALOMÃO, ISAAC PINHAS MELUL (“SEU” MELUL COMO É CONHECIDO) É UM CAVALHEIRO QUE SABE E FAZ QUESTÃO DE CULTUAR AS REGRAS DA HOSPITALIDADE.

calçamento havia”.

■ **Quantos anos ficou no Baião?**

● “Dez anos meu filho. Dez anos para quem é moço, são dez dias. Passam rapidamente. Em Baião tive duas casas comerciais; uma no Braga e outra no Mutuacá. Foi ali que aprendi a dançar e sambar”.

■ **E o senhor dançava?**

● “É claro. Dançar faz parte da vida. Só os tristes não dão valor à alegria”.

■ **Sua senhora era de Baião?**

● “Não meu filho, era de Cameté. Sempre que eu tinha uma folga vinha passear em Cameté, centro mais adiantado. Um dia na Sinagoga, vi Mary. Mary, acredite, era a moça mais bonita da cidade. Disse comigo mesmo: esta será minha esposa. Mary tinha muitos pretendentes. Namoramos 6 meses e casamos. O velho meu sogro, homem muito religioso, dera preferência ao meu pedido por me saber muito chegado as coisas da Sinagoga. O juiz que presidiu a cerimônia civil chamava-se Dr. Santos Estanislau Correa, o ano era 1898”.

■ **E onde foi residir depois de casado?**

● “Voltei ao interior. As coisas iam bem até que, por motivos fúteis, um grupo de exaltados saqueou e queimou naquela região, várias casas comerciais de israelitas. Meu prejuízo foi total. Fiquei pobre como Job. Minha irmã Simy, marido e filhos, a quem havia mandado buscar para meu

casamento, agora estavam sem poder retornar à pátria distante. Fiz então um apelo ao governador do Estado, que era o Dr. Augusto Montenegro, ele mandou fornecer as passagens. Pelo navio “Rei Humberto”, Simy, marido e filhos regressaram a Tanger”.

■ **E depois?**

● “Depois foi a luta pão a pão de cada dia. As crianças nascendo, as dificuldades aumentando. Resolvi mudar-me pra Belém e dedicar-me, exclusivamente, ao misteres de minha religião. Eu que pretendia em Tanger, tornar-me um rabino, acabei sendo um Saliyah nesta cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará”.

■ **O que é um Saliyah, seu Melul?**

● “Saliyah é um oficiante. Para ser rabino é preciso ter estudo especializado, um conhecimento profundo da religião que abraçamos. Deus não permitiu que eu me tornasse rabino. E Deus sabe o que faz. Sinto-me feliz em poder servi-Lo no modesto lugar que me reservou”.

■ **Quantos israelitas existem no Pará?**

● “Uns 1000 seguramente”.

■ **Quantos anos pretende viver?**

● “Tantos quantos Deus ordenar. Só Deus é senhor da vida e da morte. No dia em Ele quiser, estarei pronto. Que se cumpra a Sua vontade”.

Foram cerca de 70 anos durante os quais atuou como uma espécie de Chefe Espiritual da comunidade Israelita de Belém, mercê de uma sólida estrutura de conhecimentos religiosos adquiridos nas rigorosas escolas judaicas do Marrocos, embora tenha vindo ainda muito jovem para o Brasil e uma vez que não chegou a concluir a formação rabinica tão sonhada. Falava hebraico, árabe, francês e português. Na comunidade era mais conhecido como “seu” Melul.

De sua personalidade chamava muita atenção o seu espírito conciliador e a modéstia. Com sua esposa e companheira Mary Benchimol nasceram nove filhos: cinco filhas e quatro filhos, prole marcante na comunidade paraense.

Isaac Pinhas Melul faleceu em 1974 aos cento e cinco anos de idade.

Que sua alma descanse em paz na mansão dos justos e bem aventurados. Amém.

Entrevista publicada no Jornal “Folha do Norte” no dia 22/10/1967

Texto de Valério Ventura

APRENDENDO DA DESGRAÇA

Suas forças estavam se esgotando até que finalmente parou. E ficou olhando o ônibus sumir ao longe. Um ano! Para nada! Se matar de estudar para perder tudo em alguns minutos? Agora só no ano que vem!

E foi sendo dominado por um sentimento de revolta, de raiva. Até que, com lágrimas nos olhos, apontou a mão para o céu e gritou: Senhor! Não te importas comigo? É isso que reservas-Te para mim? Fiquei um ano inteiro estudando e Tu fazes isto comigo?

Não conseguia se conter e ... BUUUUM! Parou subitamente. Uma explosão muito forte ocorreu a alguns quilômetros à frente na estrada. Precisava ir para lá. Talvez a vida de outra pessoa estava em suas mãos.

E disparou novamente estrada a frente. Agora estava dando tudo de si, realmente. Foi se aproximando, e então já podia ver ambulâncias, gritos, pessoas correndo. Pelo jeito fora algo grave. E ao chegar um pouco mais perto, descobriu que o ônibus que teria tomado a cinco minutos atrás agora tinha se convertido em chamas. Algum homem bomba estava lá dentro. Olhou para o céu e então explodiu em choro.

Quantas vezes já não passamos por situações semelhantes a esta? Quantas vezes encaramos as coisas negativas em nossas vidas como coisas que são para nosso mal e que vem para nos prejudicar... Mas temos sempre que lembrar que não sabemos quais são os “planos” de Deus. Para Rony, a resposta veio logo, mas pode demorar mais para chegar, talvez dias, anos, ou até a pessoa pode morrer sem saber por que tal coisa aconteceu com ele. Lembrando-se sempre disso, não há o que temer, afinal não existem coisas negativas!

As vezes, em nossa vida, não entendemos o agir de Deus, não compreendemos os seus designios e com isso, muitas vezes blasfemamos. Mas é preciso entender que não cai até mesmo uma folha da árvore se Ele não permitir. Não se pode esquadriñar os seus pensamentos.

Enviado a redação por Raymundo Serruya

Toda a polêmica e discussão geradas em torno do filme “A Paixão de Cristo” de Mel Gibson, suscitaram depoimentos, questionamentos e troca de informações importantes entre os membros do Nachal.

O Rabino Moses Elmescany esclareceu pessoalmente questões a cerca do filme, num bate-papo muito proveitoso com os jovens, após a transmissão da película.

Comentários que se estenderam na lista de discussão virtual do grupo, onde vários membros se posicionaram firmemente, ratificando o fato de que o povo judeu sempre se une e se pronuncia quando sente-se ameaçado ou quando é pauta da opinião pública.

Vale lembrar, entretanto, que não devemos deixar para nos unirmos e nos manifestarmos apenas em situações limites. A união e discussão em torno de nossa realidade, conseqüentemente, nos previne de surpresas desagradáveis. O que por si só é bem proveitoso, em todos os aspectos, do que a simples auto-defesa.

Sendo assim, o Grupo Nachal, mesmo não podendo “prever acontecimentos”, tem como missão unir os jovens em torno de um objetivo comum, para que estes, mesmo quando não possam se prevenir, saibam pelo menos se defender com argumentos sólidos e embasados.

Para isto, tentaremos transmitir e trocar conhecimento, através de diferentes meios, mas baseados, principalmente, na Torah e em seus ensinamentos, com a ajuda de pessoas importantes, como o Rabino Elmescany e vários membros de nossa comunidade.

Aguardem próxima programação!

VIAGEM PRA VALER !!!

Dia 29 de abril, um grupo de quase 20 jovens paraenses estará na viagem da revista Messibá em Angra dos Reis. Este encontro reúne mais de 500 jovens judeus de todo o Brasil. Aguardem as fotos na próxima edição!!

• As aulas de hebraico para iniciantes e turma intermediária já começaram. Ainda há tempo de participar! Informações com David Salgado.

Informações e contato: nachalbelem@bol.com.br



GRUPO KADIMA

RUTH MENDES

ESPECIAL PARA AMAZÔNIA JUDAICA

No primeiro final de semana do mês de abril (2, 3 e 4 de abril) tivemos o privilégio e a felicidade de receber em Belém uma professora de Rekudei Am (Danças Folclóricas Judaicas) vinda diretamente de São Paulo. Michele ensina dança na Hebraica e veio com o objetivo de repassar vários passos para algumas de nossas Madrichot (instrutoras), além de ter dado uma aula, no sábado a noite (03/04), para toda a comunidade.

O evento contou com o apoio da Agência Judaica, do CIP e da Escola de Dança Ana Unger. Aproveitamos a oportunidade para agradecer tal incentivo e também para parabenizar o esforço de todos que participaram e se dedicaram para que esta visita fosse um sucesso!!!

Sucesso: essa é a melhor palavra para definirmos este treinamento, pois ele foi fundamental para darmos continuidade a um projeto que estava temporariamente “desativado” em nossa comunidade - a divulgação e o ensinamento de nossas danças típicas. Agora, todo

domingo, das 17:00 às 18:00hrs, na Sinagoga da Arcipreste, são ministradas aulas. PARTICIPE!!!!

Além disso, no último dia 13, como de costume, foi realizada a já conhecida “Carreata de Mimona do Kadima”, fortalecendo o tão antigo costume de “fazer Mimona”. Foram aproximadamente 60 pessoas visitando as residências do Sr. David Serruya, Sr. Elias Pazuelo e Sr. Ramiro Bentes. Agradecemos às três famílias por terem nos recebido tão calorosamente e desejamos que elas continuem sempre conservando essa tradição. Nesse sentido, também parabenizamos e elogiamos a todos os que estavam presentes e, principalmente aos que trabalharam para que tudo desse certo.

No entanto, nossas programações não se restringem ao até então exposto. O novo sistema de peulot (ensinamentos) tem sido extremamente bem aceito e o objetivo tem sido atingido: estamos conseguindo aprender, de maneira simples e descontraída, a história de nosso povo evitando as tão comuns dúvidas sobre a ordem dos acontecimentos e dos representantes de nosso povo.

Ademais, já começamos a organizar nossa MACHANÉ!!!! Brevemente estaremos divulgando maiores informações, mas avisamos, desde já, que ela promete muitas novidades!! Programe-se para não ficar fora dessa!!!!

A promoção do Kadi-Selo continua. E, agora que a machané se aproxima, está sendo lançada uma nova promoção: o chachach que fizer o melhor desenho da blusa da machané, tendo como tema “machané das origens” ganhará uma grande quantidade de selos, tendo a chance de liderar e, quem sabe, vencer a promoção.

Lembramos a todos que o kadima funciona aos sábados das 15:30 às 19:00 e pedimos aos pais para que levem seus filhos. Eles certamente não se arrependem de estar lá!!!

SHALOM!!!



SHAAR HASHAMAIM E ESHEL ABRAHAM

As pérolas da Amazônia paraense

Na memória da humanidade cada povo apresenta símbolos que representam não só a delimitação do território, mas os valores e credências da cultura com suas especificidades. Em Belém, tal como a bandeira estandarte do povo paraense, as sinagogas Shaar Hashamaim e Eshel Abraham são símbolos vivos da cultura judaica.

Ao denominar a Sinagoga Shaar Hashamaim (Porta do Céu) seus fundadores demonstraram a intenção de diminuir a distância que os separava da divindade. Ao que tudo indica, este nome foi escolhido a partir de um trecho da Perashá Vaíetzé, versículo 17 capítulo 28, onde Yaacov Avinu (Jacob nosso patriarca) fala: “aqui é o portão do Céu” ao sonhar com os anjos que subiam e desciam do céu.

A sinagoga Eshel Abraham (Campos de Abraham), também chamada pelos antigos de “Esnoga” Eshel Abraham foi fundada em 1823 tornando-se a primeira sinagoga do Brasil República inicialmente na antiga Rua da Indústria atual Rua Gaspar Viana.

Percebe-se claramente que o interesse maior destes imigrantes recém-chegados na época, era dar continuidade e perpetuar toda sua cultura, costumes adquiridos em seus lugares de origem (quase que a totalidade oriunda de Marrocos) e acima de tudo, manter viva a fé no seu D-us único.

Importância do aspecto físico para o judaísmo

Qual seria a relação entre cada aspecto e componente físico de uma sinagoga com o judaísmo?

Ao entrarmos na sinagoga nos vemos envolvidos por uma série de elementos que, mesmo com significados simbólicos, transmitem de modo profundo a espiritualidade na sinagoga:

- a cor – Azul. Por que azul? A cor do céu sempre esteve presente no pensamento judaico. Todos os dias, ao rezar a Shemá (oração de confissão da Unicidade Divina) deparam-se com a recomendação do tsitsit (filaterias) salientando a importância do cordão azul entre as franjas como forma de chamar atenção da Unicidade Divina. Não é sem razão que o azul (junto com o branco) representam Israel em sua bandeira. E certamente este simbolismo está presente nas paredes da sinagoga.

- Hechal - o armário onde se encontram os rolos sagrados da Lei de Moisés (sefrei Tora) representa simbolicamente o céu.

- Tebah – É o local central na Sinagoga Sefaradita de onde lideram o culto o Shaliach Tsibur ou Chazan (oficiante) e o Parnas (Diretor de Culto). A Tebah é onde se lê a Torá (Lei de Moisés) e representa o



Monte Sinai lugar onde o povo judeu recebeu as Tábuas da Lei com os Dez Mandamentos.

- Disposição das cadeiras – na Sinagoga Sefaradita por que as cadeiras estão ao redor da Tebah? Porque representam o povo ao redor do Monte Sinai recebendo a Tora.

- Hazarat nashim – o lugar reservado para as mulheres. No Beit Hamikdash (Templo Sagrado em Jerusalém) havia um recinto reservado para mulheres na parte superior chamado “hazarat nashim” (recinto feminino) e desde já ficou o costume de reservar um lugar especialmente para as mulheres. Assim também é nas nossas sinagogas do Pará.

Todos esses elementos ajudam a elevar a espiritualidade de cada judeu junto a D-us, nos momentos mais profundos das preces e confissões de fé.

A beleza da arte se faz presente em todas as atividades da vida humana. Assim também é retratada a beleza da arte na arquitetura das sinagogas de Belém. O anseio de nelas projetar e perpetuar a religiosidade, tornando-as ponto de congregação de um povo milenar, que com esta base, transferiu e continua transferindo aos seus descendentes a tradição e a crença infinita ao D-us Único.

Particularidade

Um outro aspecto ímpar de nossas pérolas amazônidas, e aqui incluímos a sinagoga Beit Yacov-Rebi Meyr de Manaus inaugurada em 1962, tem a ver com a engenharia.

O saudoso Dr. Judah Eliezer Levy Z' L, engenheiro civil, foi convidado para ser o engenheiro de todas as sinagogas da Amazônia. Talvez o único engenheiro brasileiro a construir três sinagogas no Brasil, particularmente na Amazônia.

Deborah Serruya

Baseado em sua própria monografia apresentada ao Curso de Especialização “Memória e História da Arte” Belém - Pará - 2000

ARTIGO

Traduzido por Francisco Correa Neto

JUDEUS MESSIÂNICOS

Não importa o quão desconectado esteja um judeu de seu judaísmo, todavia ele recusa a idéia de idolatrar Jesus. Isto constitui um grande dilema para os missionários cristãos ao tratar de converter os judeus.

Por causa deste problema alguns missionários tiveram a idéia de praticar uma tática pela porta de trás. Inventaram “Judeus para Jesus” (1) que utilizam um grande número de palavras judaicas para tornar Jesus mais palatável para os judeus. Por exemplo:

- Membros desse movimento não vão à igreja, mas a uma “sinagoga messiânica”;
- O serviço religioso não é feito no domingo, mas no sábado, o Xabat Judeu;
- Dizem que aceitando Jesus como messias, o judeu não está se convertendo ao cristianismo mas está se tornando um “judeu completo”;
- O Novo Testamento é chamado de Brit Hadaxá (Novo Pacto);
- O símbolo não é a cruz (2), mas uma árvore;
- O batismo só é feito pela imersão na micve;
- Não utilizam uma hóstia (3), mas a matsá;
- Os congregantes usam “talit” e “Quipá” e tiram a Torá do Aron Hacódexe (Arca Sagrada), da mesma forma que em qualquer Sinagoga e a lêem da mesma forma. Depois de tudo, eles proclamam orgulhosamente que o próprio Jesus era judeu.

Técnicas de Imprensa

Suas campanhas missionárias são muito bem subsidiadas e sem parar. A organização de “Judeus para Jesus” tem gastado milhões de dólares em comerciais de rádio, televisão, jornais e volantes, e praticado uma campanha de anúncios nos metrô de Nova York e em web.sítios importantes. Se você vir um desses anúncios, você deve mandar uma carta de protesto à organização que o patrocina.

É responsabilidade de todos os judeus enfrentá-los.

Joan Rivers começou a gritar ao ar depois que um comercial de “Judeus para Jesus” foi infiltrado em seu programa de rádio. O comercial mostrava dois homens discutindo se Jesus era o messias judeu, enquanto a canção judaica “Hava Naguila” era ouvida no fundo. “Não façam proselitismo no meu show”, Rivers gritava. “Nasci judia e espero morrer judia. Como se atrevem a comercializar em meu show? Isto me parece ofensivo e ridículo”.

Os verdadeiros judeus messiânicos

Os “Judeus para Jesus” são uma organização subversiva. A aproximação dos missionários para cooptar judeus inclui dizer versículos da Torá fora de contexto e más traduções.

Essas falsidades têm muito êxito com judeus que não têm nenhum conhecimento de suas raízes judaicas. Na Rússia, por exemplo, onde a educação judaica foi suprimida por 70 anos, os missionários fazem “juntas de renascimento judaico”, onde um ministro (4) com talit pede aos judeus russos que aceitem Jesus em seu coração.

O triste é que milhares de judeus (incluindo 50.000 em Israel) têm caído nessa falsidade.

Ironicamente, os judeus podem ser realmente chamados de “Judeus messiânicos”. Um dos princípios de Maimônides é: “Creio com fé total na vinda do Messias e, mesmo que tarde, esperá-lo-ei”.

Notas do tradutor:

1 Não existe apenas um grupo intitulado “Judeus para Jesus”, mas vários com denominações diversas, uns ligados à Igreja Adventista do Sétimo Dia, outros à Igreja Batista, estes à Igreja Presbiteriana, aqueles a diversas Igrejas Pentecostais (como a Assembléia de Deus), outros à Testemunhas de Jeová, e assim por diante.

2 O rabino parece não saber a diferença entre Catolicismo e Protestantismo, pois:
a) Os Protestantes não usam a cruz como símbolo, mas o peixe;
b) Os Protestantes não usam hóstia (que é católica); nem têm missa, confissão, comunhão ou santos.

3 No original estava a palavra “clérigo”, mas esta é uma denominação exclusivamente católica; Os Protestantes dizem “Pastores”, “Ministros”, “Reverendos”.

Calém a mídia

ALEXANDRE NANI
Como acabar com o terrorismo sem disparar nenhum tiro. O pessoal que costuma fazer propaganda pró-Israel geralmente defende a tese de que, após os atentados terroristas, Israel deveria mostrar o máximo possível das cenas do local, com crianças em pedaços, velhos ensanguentados e afins como forma de ganhar a simpatia mundial. Eu já acho isso uma enorme besteira. Em primeiro lugar, porque essas cenas vão afugentar de vez os poucos turistas que ousam aparecer por lá. Em segundo porque esta mídia é exatamente o que os terroristas querem. Ao invés de divulgar o terror, o governo israelense deveria emitir uma ordem expressa proibindo qualquer tipo de cobertura dos atentados. O jornal que divulgasse um atentado deveria tomar uma

multa cavalari e se fosse estrangeiro pior ainda: os jornalistas deveriam ser expulsos do País, jogados a pé na fronteira com o Egito. Ai se o meu plano falhar pelo menos a gente vai poder se divertir vendo o pessoal da France Press com suas boinas carregando as malas Sinai afora. Vamos colocar a idéia da seguinte forma: quando o Hamas manda um palestino de 17 anos se explodir num ponto de ônibus ou numa pizzaria seu objetivo não se limita a destruir

aquele local. Com certeza os extremistas não pretendem acabar com o Estado Judeu através da eliminação de suas pistas de dança. Não. Os grupos terroristas querem amedrontar os judeus até que: 1) A população israelense fuja do País 2) A falta de turismo arruine a economia 3) O País retalie tão brutalmente que isso favoreça os próprios grupos terroristas, jogando as massas árabes nas suas mãos. Para atingir estes objetivos grandiosos, a morte de uma dúzia de pessoas numa pizzaria não é suficiente, por mais doloroso que isso seja para nós. A destruição concreta causada por um terrorista tem impacto muito limitado num país inteiro, mesmo que seja uma nação pequena como Israel. Se a gente se concentrar exclusivamente nos números, a chance de alguém ser assassinado em Israel é cerca de 10 vezes menor do que no Brasil. Se a destruição concreta fosse parâmetro, já não teria ninguém mais morando no Brasil, dado que a turma do Beira Mar é muito mais letal do que qualquer coisa que o Arafat possa jogar em nós. O estrago real causado pelo terror tem muito pouca relevância. O grande problema é que o terrorismo se alimenta através de um processo muito simples mas pouco compreendido: A MÍDIA SERVE COMO UM MULTIPLICADOR DA DESTRUIÇÃO CONCRETA. Terror na Terra Santa desperta curiosidade, assalto em periferia não. Cada morte absoluta em Israel é transformada pela lente de aumento da mídia em milhares de mortes relativas. Ou seja, enquanto ninguém se incomoda com as dezenas de milhares de mortes na periferia paulistana, aos olhos do mundo e da opinião pública, parece que o Israel inteira esta imitando um campo de batalha. Quem mas ganha com isso são os terroristas. Eles vivem da mídia,

eles precisam da mídia para respirar. Tirar a mídia deles é a mesma coisa que tirar o mar de um cardume de atum. Vamos imaginar que essas medidas sejam implantadas, ok? Isso não tem nada a ver com liberdade de imprensa. Ninguém esta aqui sugerindo impedir que falem mal do Sharon ou que escondam algum caso de corrupção. Trata-se de um pacto social dentro de Israel em que Governo, Mídia e Sociedade simplesmente decidem parar de dar de mão beijada essa arma para os terroristas. Cada vez que um ponto de ônibus explodir, todos os cidadãos resolutamente continuam suas vidas sem comentar, as famílias são avisadas, o local é limpo e nenhuma palavra sobre o ocorrido. Israel fica com uma aparência de mais calma, acabam-se as festinhas em Gaza comemorando o feito, enfraquece-se o recrutamento do Hamas. Ao mesmo tempo, o Tzahal continua a todo vapor combatendo o terror. Qualquer seja a estratégia adotada a partir de agora para livrar o povo judeu da praga terrorista, precisamos começar a pensar “fora da caixa”. Já ficou bastante claro que os métodos tradicionais não funcionam. Sharon já teve tempo suficiente para isso. O que custa tentar?

alexandre@multilaserpro.com.br

" O PESSOAL DA FRANCE PRESS COM SUAS BOINAS CARREGANDO AS MALAS SINAI AFORA "

" TERROR NA TERRA SANTA DESPERTA CURIOSIDADE, ASSALTO NA PERIFERIA NÃO "

ALI KAMEL

Essa é a história de um outro mundo que vive à espera de um outro mundo. E nenhum desses dois mundos é o nosso. Por isso, para prosseguir na leitura, é preciso que o leitor se dispa de suas noções de possível e impossível. Se eu fosse fazer a genealogia do terror muçulmano, o leitor se perderia num emaranhado de nomes de difícil pronúncia. Teria de voltar aos precursores dos homens-bomba, os adeptos da seita dos assassinos, no século XI, que inauguraram os ataques suicidas. Mas não será necessário recuar tanto. Porque a sustentação teórica do terror islâmico contemporâneo foi elaborada no século XX. Dois nomes se destacam: Hassan Al-Banna e Sayyid Qutb. Conhecê-los, saber o que pensam e o que pregam, é fundamental para entender a al-Qaeda e Bin Laden. É este o propósito da série de três artigos que tem início hoje. Se eu obtiver êxito, o leitor nunca mais achará que a possibilidade de um ataque terrorista usando armas atômicas é apenas uma paranóia. E, talvez, passe a admitir que, contra essa gente, nossa forma ideal de combate, nós que não gostamos de guerras, não tem serventia. Porque o lema que eles usam desde 1928 — “preparem-se para a Jihad e sejam amantes da morte” — não é uma frase vazia.

O primeiro passo é conhecer o mundo em que eles vivem, um mundo muito pequeno, apenas a Arábia Saudita (e outros minúsculos países do Golfo Pérsico) e micro-sociedades nas cavernas do Afeganistão, onde Bin Laden e seus adeptos se escondem. Nele, só há uma crença que tudo rege: Deus é Único e, por isso, ninguém mais pode ser cultuado, nem o profeta Maomé, nem santos. As orações devem ser feitas somente tendo Deus em mente e, portanto, apelar pela interseção de algum intermediário é pecado gravíssimo (é proibido comemorar datas festivas, mesmo que seja o aniversário de Maomé). Deve-se viver como eles acreditam que o Alcorão prega, observando-se estritamente a Sharia (o código de leis muçulmano), e os costumes devem ser apenas aqueles mencionados nas Hadith (a coletânea de ditos e feitos de Maomé e seus companheiros). A música, a dança, o álcool e o fumo estão banidos e, às mulheres, é imposta uma condição de segunda classe. Elas não podem dirigir e só podem viajar na companhia do marido ou de algum parente masculino de primeiro grau. Os homens são obrigados a fazer as cinco orações, e, às sextas, devem comparecer às mesquitas, sob pena de para lá serem levados sob vara. E as punições físicas estão em pleno vigor: adúlteros têm de ser apedrejados, ladrões devem ter o braço amputado, e a pena de morte deve ser executada em lugares públicos. Se obrigado a viver no Ocidente ou em países muçulmanos mais liberais (a maioria), o fanático leva esse mundo em sua cabeça para onde for. E reza todos os dias para não se contaminar com a impureza que o cerca.

O mundo que eles querem é parecido com aquele descrito acima, mas com algumas crenças a mais e algumas liberdades a menos. Se, para nós, a liberdade é o direito mais sagrado, para eles a submissão a Deus é o dever mais absoluto. Como Deus é o criador de todas as coisas, tudo a Ele pertence e somente Ele pode ser o soberano de todos os homens. Só ele pode ser adorado, só ele deve ser obedecido. É à primeira vista uma crença que muitas religiões compartilham, mas, aqui, ela ganha dimensões totalizantes. Como Deus já revelou as suas leis e já anunciou que seu último profeta foi Maomé, não abrindo assim possibilidade



A guerra de três mundos

para um novo período de revelações, nenhuma lei feita pelo homem pode ser respeitada, sob pena de incorrer no pecado da Shirk (adorar outro deus ou associar Deus a outro deus, porque respeitar outra lei que não a de Deus é o mesmo que reconhecer que há outro soberano). Um muçulmano não tem nenhuma nacionalidade, senão a sua crença. Votar, portanto, é também um ato de Shirk, porque não é possível escolher um soberano — este é Deus. A crença de todo democrata — todo poder emana do povo — é Shirk, porque todo poder emana apenas de Deus. O mundo hoje se encontra no estado de Jahiliyyah, a completa ignorância que reinava antes da revelação do Alcorão. Depois dos primeiros anos após Maomé, inovações de todo tipo teriam desvirtuado o Islamismo de tal forma que a Jahiliyyah tomou conta de todos novamente. Mesmo os muçulmanos que se acreditam muçulmanos são Jahilis, porque não seguem a religião com pureza. A luta é, portanto, fazer o Islamismo vencer em todo o mundo, porque a mensagem do Alcorão é universal. É obrigação de todo muçulmano se engajar nessa luta, em escala mundial, até que a lei de Deus esteja implantada em todo o planeta. O mundo que eles querem é esse: todo ele islâmico, sem exceção. É um mandamento de Deus.

Chamar estes fanáticos de fundamentalistas é uma imprecisão, porque dá a entender que eles advogam a volta da religião aos seus fundamentos, com base numa leitura literal do Alcorão. Eu mesmo já disse mais de uma vez que a leitura que eles fazem do Alcorão é literal, mas usei a definição, consagrada pela mídia, apenas para me desviar de uma discussão mais aprofundada. Porque o termo “fundamentalismo” chegou ao Islamismo por empréstimo. Os estudiosos e jornalistas aplicaram ao Islamismo o mesmo rótulo que já havia sido dado aos movimentos fundamentalistas cristãos do início do século passado: protestantes ultraconservadores propunham uma releitura literal da Bíblia a que todos os cristãos deveriam se submeter. Não é o caso dos fanáticos do Islã. Embora gostem de que pensem que eles têm uma leitura literal do Alcorão, o que os fanáticos na verdade fazem é algo bem diverso: uma “interpretação” radical do que está no livro sagrado dos muçulmanos. O Alcorão, com uma

linguagem ultrametáforica, presta-se bem mais a interpretações do que a leituras literais. Da mesma forma, as Hadith (os ditos e os feitos do profeta) são tantas que se costuma dizer que, para cada exemplo mandando fazer tal coisa, é possível achar outro mandando fazer o seu contrário. O que os fanáticos fazem é escolher, entre as Hadith, aquelas que mais se prestam à sua interpretação e, depois, dizer que elas são as únicas. Para vencê-los, é preciso saber como surgiram, como se multiplicaram, quem são os seus mentores. É uma viagem necessária.

O início de tudo é o ano de 1928, com a criação da Irmandade Muçulmana. Quando Hassan al-Banna a criou, aos 22 anos, ele já não era mais aquele filho de um relojoeiro pobre do norte do Egito, mas um jovem e respeitado professor, formado pela tradicional Universidade de Al-Azhar, a mais prestigiada do país. Al-Banna, porém, já tinha sido feito refém de uma corrente de pensamento dentro do Islã que, ao longo dos séculos, sempre ressurgiu em países muçulmanos. Trata-se de um desejo ardente de volta ao passado, a um idealizado estado de pureza que, supostamente, teria existido no tempo do Profeta Maomé. No século XIII, o líder religioso Ibn Tayniyya já reclamava de que o Islã havia se corrompido com inovações de todo tipo e que era preciso voltar a praticá-lo tal como no tempo do Profeta. No século XVIII, Al-Wahhab, com o mesmo tipo de pregação, varreu toda a região da Arábia, praguejando contra tudo o que ele considerava estranho ao Islã original. Foi tão influente, que, quase três séculos depois, a seita que ele fundou é a religião dominante na Arábia Saudita. Tão dominante que sequer se apresenta como seita: eles se dizem o verdadeiro Islã. Os sauditas dizem que somente detratores os chamam de wahhabistas, numa referência ao fundador, justamente para irritá-los, já que, tendo como norma cultural apenas Deus, insinuar que eles cultuam al-Wahhab seria dizer que eles próprios cometem o pecado da Shirk, que atribuam a todos os outros muçulmanos. Eles, no máximo, se permitem chamar de unitários (uma referência à adoração do Deus único) ou, também, salafis, que vem do termo árabe Salafi, uma palavra que se refere às primeiras gerações de muçulmanos, os pioneiros do tempo do Profeta (hoje, os salafis seriam aqueles que vivem como os pioneiros

viviam). Essa visão do Islã, restrita a uma pequena parte do mundo, é, no entanto, a mais conhecida, porque, com o dinheiro do petróleo, é a Arábia Saudita quem mais financia a abertura de mesquitas e escolas muçulmanas em todo o mundo: nos Estados Unidos, por exemplo, 80% das mesquitas são sauditas e, portanto, wahhabistas. O que o Ocidente acredita ser o Islamismo é apenas a pequena parte dele, a mais conservadora, a mais fechada, a mais repressora.

Em relação aos wahhabistas, qual então a novidade de Hassan al-Banna, ao criar a Irmandade Muçulmana? Ele transpôs a pregação, do terreno do religioso, para o campo político, e além do que advogavam os wahhabistas, ele postulou que a divisão do mundo muçulmano em nações-estado era essencialmente antiislâmica. Al-Banna queria a reunião de todos os muçulmanos numa só nação, sob o comando de um novo califa. Para ele, a miséria e os males que afligiam os países islâmicos do início do século passado, e ainda afligem, eram conseqüências diretas dos desvios que o Islã sofreu ao longo dos anos. Ele costumava dizer de si, imodesto: “Sou um altruísta que, tendo desvendado o segredo sobre a existência, declaro ao mundo: Minhas orações, meu sacrifício, meu modo de vida são totalmente devotados a Deus. Ele é Único. Isso me foi ordenado dizer e eu sou o primeiro dos muçulmanos.” Mas Al-Banna advertia: “O Islã é fé e devoção, é um país e é cidadania, é uma religião e um Estado, é espiritualidade e trabalho duro, é o Alcorão e a espada.” A Irmandade Muçulmana foi um sucesso imediato entre o povo pobre do Egito: seus membros se multiplicavam ao longo dos anos. No início, Al-Banna assim classificava o movimento por ele fundado: “A Irmandade tem uma mensagem Salafi, segue o caminho dos sunitas (em oposição aos xiitas), é uma organização política, um grupo atlético, uma união científica e cultural, um empreendimento econômico e uma idéia social.” A Irmandade era tudo.

O livro mais popular de Al-Banna é também o mais curto: “Carta a um estudante muçulmano”, escrito em 1935, no qual ele ensina como um muçulmano deve se comportar no exterior. Há uma lista de obrigações duras, estritas, severas, mas o que mais sobressai é a visão que ele tem do Ocidente: uma região engolida pelo pecado. “Todos os prazeres trazidos pela civilização contemporânea não resultarão em nada, senão dor. Uma dor que vai superar seus atrativos e remover a sua doçura. Portanto, evite os aspectos mundanos desse povo; não deixe que eles tenham poder sobre você e o enganem.” Em 1934, já havia 50 filiais da Irmandade em todo o Egito. Em 1939, passou a atuar como grupo político organizado e, depois de 1945, sofreu a sua mudança mais radical: aderiu à violência e ao terror, praticando assassinatos políticos com o objetivo de derrubar a monarquia egípcia. A Irmandade já tinha então duas mil filiais, 500 mil militantes e o dobro de simpatizantes: eles abriam escolas, mesquitas, hospitais, fábricas. Dizia-se que a Irmandade era um Estado dentro de um Estado. A mudança radical foi possível porque Al-Banna foi quem primeiro modificou o conceito de Jihad, antes sempre definida de duas maneiras: uma “guerra” interna que o crente deve travar dentro de si para se manter no reto caminho e uma guerra defensiva propriamente dita, em caso de ataques de infiéis contra uma nação muçulmana. Para Al-Banna, Jihad passou a ser a guerra que o muçulmano verdadeiro tem obrigação de travar para reconverter o mundo muçulmano ao islamismo puro, mesmo que, para isso, tenha de pagar com a própria

vida.

No livro, “A mensagem dos ensinamentos”, Al-Banna diz: “Por sacrifício eu entendo dar-se totalmente, sua riqueza, seu tempo, sua energia e tudo o mais pela causa do Islã. Não há Jihad sem sacrifício, e não há sacrifício sem uma recompensa generosa por parte de Deus. Quem evita o sacrifício são pecadores. Por isso, queridos irmãos, vocês entendem o nosso slogan: a morte na luta por Deus é a nossa grande esperança.” No mesmo livro, Al-Banna define os cinco objetivos da Irmandade: “Deus é o nosso objetivo, o Mensageiro é o nosso exemplo, o Alcorão é a nossa constituição, a Jihad é o nosso método, e o martírio é o nosso desejo.” Em 1948, a Irmandade foi posta na clandestinidade, seus bens foram confiscados e, no ano seguinte, Al-Banna, com apenas 43 anos, foi assassinado por agentes secretos do governo real egípcio, tornando-se um mártir para os fanáticos e um exemplo a ser seguido. O assassinato não teve o efeito que o governo egípcio imaginou: a Irmandade tinha milhares de simpatizantes, espalhados por todo o país, e eles já pareciam ter absorvido a mensagem de Al-Banna, como a que ele expôs no livro “A indústria da morte”: “Para uma nação que aperfeiçoa a indústria da morte e sabe como morrer de forma nobre, Deus dá uma vida de orgulho nesse mundo e eterna graça no mundo que está por vir.” Naqueles dias, militantes costumavam marchar pelas ruas do Cairo, gritando: “Nós não temos medo da morte; nós a desejamos.” A frase com que a al-Qaeda costuma terminar suas declarações — vocês amam a vida; nós, a morte — vem daí.

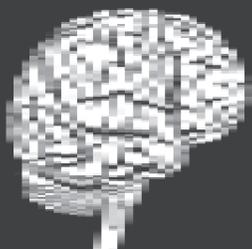
Em 1950, o grupo voltou à legalidade e recebeu o apoio do movimento nacionalista pan-arabista do coronel Gamal Abdel Nasser, que também tentava derrubar a monarquia. Em 54, porém, quando Nasser assumiu o poder, a Irmandade exigiu que a Sharia se tornasse a lei no país. Não foi atendida e foi posta novamente na ilegalidade. No mesmo ano, seus adeptos tentaram matar Nasser, que, numa reação furiosa, prendeu quatro mil militantes e cometeu o seu maior erro: expulsou do país outros milhares de simpatizantes, que seguiram para Síria, Arábia Saudita, Jordânia e Líbano, internacionalizando o movimento. Na Arábia Saudita, eles foram abrigados com entusiasmo, porque eram salafis, e receberam dinheiro do rei para que criassem a sua própria universidade em Medina. O impacto disso na vida de Bin Laden será grande. Em todos os países para onde fugiram, foram abertas seções da Irmandade Muçulmana. O Egito era então um centro para onde iam estudantes de todos os países árabes e, por isso, jovens de todos os países da região conheciam já os ideais da Irmandade: com líderes perto, abrir seções internacionais foi bem mais fácil.

Na continuação desse artigo (na próxima edição), mostrarei como Sayyid Qutb transforma uma Jihad para reconverter o mundo muçulmano ao Islamismo numa Jihad global, visando ao mundo inteiro. Os leitores terão também uma idéia sobre o estrago que uma mulher bêbada e semimorta pode fazer na cabeça de um fanático. E como o Ocidente inteiro pode sofrer por isso.

ALI KAMEL é jornalista

Publicado no jornal O Globo - 04 de abril de 2004

- Neurologia
- Neurocirurgia
- Eletroencefalografia
- Tomografia Computadorizada
- Mapeamento Cerebral com EEG
- Ressonância Nuclear Magnética



INNEURO

Dr. César Neves •
Dr. Benjamin Ohana •
Dr. Értio Pádua •
Dr. Juvenal Rogério

Av. Getúlio Vargas, 2553 - Tel. (51) 243-7000



A exposição "As Fontes" acontece entre os dias 28 de maio e 06 de junho no Amazonas Shopping



Brit-Milah

O jovem casal **Ilana e David Benzecry** reuniram amigos e familiares para o Brit-Milah do seu pequeno Samuel no Clube do condomínio Efigênio Sales. Os avós estreadantes Nora e Ilko Minev (maternos) e Safira e Elias (paternos) eram só sorrisos e não é para menos, confirmam as fotos!



Assembléia homenageia embaixador israelense

O **Embaixador de Israel, Sr. Daniel Gazit** foi homenageado pela Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em sessão solene presidida pelo, Deputado Lino José Xixaro, com a presença da Governadora em exercício, presidente do Tribunal de Justiça, Desembargadora Marinildes Mendonça. A indicação de autoria do Deputado Wanderley Dallas, foi aprovada pela maioria dos deputados, contou ainda com as presenças de vários representantes das comunidades evangélicas, Deputado Silas Câmara, Deputado Federal pelo RS, Pastor Reinaldo, enviados para representar a Conib, o casal Suely e Flávio Unikowsky, além de figuras representativas da Comu-

nidade Israelita do Amazonas. Na ocasião aconteceu no Hall da Assembléia, a exposição intitulada "As Fontes", produzida pelo Ministério das Relações Exteriores de Israel, e teve como patrocinadores a Na"Amat Pioneiras, o KKL, o Comitê Israelita do Amazonas, a Câmara de Comércio Brasil Israel e a Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas. A exposição versa sobre as três maiores religiões monoteístas, Judaica, Cristã e Islâmica, que tem Jerusalém como sua cidade sagrada. O evento aconteceu no dia 20/05/2004 às 10:00 da manhã. Ao final da solenidade foi oferecido um coquetel aos convidados no Salão Nobre.



100% de desconto

Novidades em livros e presentes

últimos dias da GRANDE PROMOÇÃO



Livros e Artigos Judaicos em Geral

Av. Dr. Manoel De Medeiros - Jooz - 66 - Fone: (081) 4100-1000 - Fax: (081) 4100-1001

LGB Engenharia
LGB Engenharia e Empreendimentos Ltda
 Av. Opama Batista, nº 1.008 - Sala 28 Parque 202 - Manaus-AM
 Cap. I - 48094-008 - Tel.: (91) 434-3636 / Cel: (91) 9833-0028
 Telex: (32) 642-8253 - jacob@lgb.com.br

ERUIM II

Mãe do Ano Wizo

Em festa realizada no Maria Clara Buffet no dia 05/05 o Grupo Feminino, homenageou como mãe Wizo de 2004 a Sra. Raquel Soares esposa de Salomão Soares. De quebra, a homenageada fazia aniversário o que animou ainda mais os festejos, com desejos de feliz aniversário de parte dos convidados. Na vasta programação organizada por familiares e amigas, tivemos a apresentação de ballet e um delicioso chá. Parabéns!



Yom Haatzmaut em noite de gala

Manaus comemorou o 56º Aniversário da criação do Estado de Israel com muita alegria e concentração. Um Arvit festivo deu início à solenidade, com orações especiais para a data, seguido do pronunciamento do diretor do Comitê Israelita do Amazonas Gilberto Jucá que discorreu sobre os quatro mil anos da história do povo judeu. A chaverá Safira Ohana declamou mais um de seus belos poemas enfocando Eretz Israel. Durante toda a solenidade foi ativa a participação dos alunos da Esco-



linha Judaica Jacob Azulay e do Grupo Meretz da Terceira Idade. Momento de muita emoção foi quando seis Shofarot tocaram juntos a Tekiá Guedolá envolvendo os presentes em grande concentração espiritual.

HATIKVA em hebraico e ladino, de acordo com nossa tradição, foi cantado por todos os presentes que compareceram em grande número em mais esta magna efeméride do nosso calendário. Um lauto coquetel encerrou o evento com a congratulação geral entre os chaverim vechaverot.

Formatura

Registramos com muita alegria a colação de grau em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda do jovem SHALOM DAHAN, ativista e um dos líderes da juventude judaica em Manaus. Efusivos votos de felicitações da equipe do Amazônia Judaica ao novo Publicitário, augurando pleno sucesso profissional, ao lado do importante trabalho comunitário que ele desenvolve. MAZAL TOV.



Yom Hatzmaut

O Centro Israelita do Pará comemorou o 56º Aniversário da Independência de Israel em grande estilo. Tendo a frente o presidente Marcos Soares, a atual Diretoria do CIP aproveitou a importante data para homenagear vários "Amigos da Comunidade" e membros do Ishuv paraense com a entrega de diplomas aos mesmos. Após a cerimônia solene no Salão Nobre "Maguen David" os convidados puderam degustar de um delicioso coquetel. Belíssima festa.

Visitando

Esteve de passagem, muito rápida, por Belém o Rabino Abraham Serruya. Aproveitando uma viagem para os Estados Unidos, o Rabino Serruya fez uma pequena parada de dia e meio para matar a saudade de parentes e amigos. Esperamos que a próxima visita seja mais demorada, pois sentimos a falta de suas maravilhosas prédicas, quando de sua estadia.

N i v e r

- No dia 26/04 foi festejado o aniversário de Cota Aben-Athar, na casa de sua filha Deborah Unger. Suas amigas foram lhe prestigiar e todos ficaram encantados com as homenagens realizadas pelos seus netos.
- No dia 03/05 foi realizada uma festa surpresa para Simone Salgado, organizada pelo seu marido David Salgado, foi um festa íntima, apenas para familiares.
- Aniversário de Graciete Nahon no dia 06/05, festejado em sua residência para amigos e parentes.
- No dia 13/05, também foi festejado o aniversário de Belizia Barcessat, com um jantar em sua casa para amigos e parentes.
- No dia 15/05, foi festejado o aniversário de Gabriel (7 anos) e Sarah Alves (2 anos), filhos de Cristiane e José Alves, foi grande a animação das crianças, que participaram de todas as brincadeiras.
- Festa dupla no dia 16/05, onde Uriel Salgado, festejou a passagem do seu oitavo aniversário, na piscina do Edifício Maison Giverny, onde recebeu quase todos os seus amigos. Várias brincadeiras foram realizadas, como futebol, queimada, corrida, e outros. As pessoas que por ali passavam nunca tinham visto tanta criança junta. Foi um sucesso, parabéns..... Enquanto a festa da piscina acontecia, no 13. andar era festejado o aniversário de sua avó Clara Mendes, com uma deliciosa feijoada. Foi um sucesso em dobro.
- No dia 22/05 - Shabat, foi oferecido na Sinagoga Shaar Hashamaim uma belíssima seudá pelos casais Jacob e Helena Benzecry e Fortunato e Raquelita Athias, pela passagem do aniversário de seus casamentos.
- No dia 24/05, Pérola Benguigui recebeu em sua casa parentes e amigas para festejar mais um ano de vida. Mazal Tov!

EV **Seu futuro lhe pertence.**
CORRETORA DE SEGUROS 342-1816
3083-1127 Miguel Athias

Para os melhores preços compare com a EV Seguros em todas as suas opções de cobertura. A EV Seguros oferece a melhor cobertura para todos os tipos de veículos. Não aceite pagar mais caro, comece agora, por pouco tempo a EV Seguros é a melhor.

PATRIMONIAL
"Uma nova opção de aplicar o seu dinheiro"
Rua Ricardo de Albuquerque, 114 - 502 - Jurema - Rio de Janeiro - RJ
Tel/Fax: (21) 2548-9574 - E-mail: calisto@patrimonial.com.br



Idade de Ouro - Guyl Hazahav

No dia 02/05, no salão da sinagoga Shaar Hashamaim, foi realizada mais uma programação do grupo. O acontecimento foi marcado pela palestra "Cuide bem do seu coração", ministrada pela Dra. Luna Brasil e pelo Dr. Alberto Mauro Anijar. Uma dinâmica de grupo orientada pela pedagoga e psicóloga Rosângela Nahon também agradou aos participantes. Houve também homenagem à todas as mães presentes, com entrega de rosas. E uma homenagem especial a mãe escolhida pelo grupo, Sra. Ledícia Zagury Benzecry, que ficou emocionada e muito feliz com a presença de seus filhos, genros, noras, netos, bisnetos, que além de recitarem poesias fizeram uma peça para homenageá-la.



No dia 16/05, o Grupo Guyl Hazahav organizou mais um passeio, foram conhecer a orla de Belém em um dos barcos da Vale Verde, o evento contou com 30 participantes. Todos se divertiram muito, dançando os ritmos da terra, e já estão solicitando para breve mais um passeio como este que foi o maior sucesso.

estrela do norte
Distribuidora Ltda.
Distribuidora Exclusiva
Av. G. Gillette do Brasil, Gomes de Costa, Fát. Luz e Adm. entre outros.
Rod. Novo Gama, 19 - Siqueira - Fone/Fax: 241-2014/241-2015 - E-mail: estrela@estrela.com.br

O AZUL DO NOSSO GÁS!
FOGÁS
CORPORATIVA DE SERVIÇOS E ENERGIA
Central Disk Gas 0800 92 9392

grupoBenzecry
CIEX
Comércio, Indústria e Exportação Ltda.
JITAL
Empresa Industrial de Jato S.A.
Rua Guilherme Marinho, nº 113 - Centro - Cay. 68.085-000
Manaus - Amazonas - Brasil - Fone: 059/923-1217
Fax: 059/2932-1374 - global@cie.com.br

THE UNIVERSITY OF THE SOUTH PACIFIC

SCHOOL OF DISTANCE EDUCATION

DEGREE PROGRAMS

